



COSEMP
CONGRESSO DE
EDUCAÇÃO
5ª EDIÇÃO

FAPEG
FUNDAÇÃO DE AMPARO
À PESQUISA
DO ESTADO DE GOIÁS

VI SEMINÁRIO DE ESTÁGIO
III ENCONTRO DO PIBID
LINCENCIATURA E DEMANDAS EDUCACIONAIS
PNE, INCLUSÃO, ESTÁGIO E PIBID

CAMPUS
IPORÁ



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS

ISSN: 2238-8451

MOVIMENTOS CORPORAIS DISCURSIVOS DO SUJEITO VIRGÍNIA NA OBRA CIRANDA DE PEDRA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

ROSA, Cilmária de Jesus
Universidade Estadual de Goiás, Campus Iporá
clmr.rosadejesus@gmail.com
CARDOSO, Maria Piedade Feliciano

RESUMO

Neste presente artigo analisamos a obra *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles (1984), na qual objetivamos análises das movimentações corporais do sujeito Virgínia em um imbricamento com os vários outros espaços na trama narrativa. Nesse sentido, recortamos as fases da vida de Virgínia, sendo elas: o corpo infantil, adolescente e o adulto. Compreendendo assim, as suas próprias movimentações corporais-discursivas. As análises foram delimitadas a partir de corpo da Análise do Discurso de linha francesa, levando em consideração as noções de “movimento”, “espaço”, “discurso” e “sujeito” de Foucault (1984, 1987, 1996, 1998, 1999, 2013) e de “dispositivo de análise” de Orlandi (2013). Em nossas análises discursivas, percebermos que o sujeito-personagem Virgínia apresenta movimentações em suas constituições identitárias que sofrem várias oscilações, que vão desde o poder à rejeição.

Palavras-chave: Movimentos; Corpo; Virgínia; Análise do Discurso.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

– Você, feia? Que idéia! Ouça Virgínia, agora você é uma menininha ainda e nada disso têm a menor importância, as meninas precisam ser boas e saudáveis, só isso é importante. Mas quando você crescer, então sim, então vai ficar bonita, eu tenho certeza que vai ficar uma moça tão bonita! – Passou de leve a mão pela cabeça desalinhada: - Será morena e quieta como a tarde, de uma beleza quase velada. E terá olhos de espanto, lustrosos como os da gazela... (TELLES, 1984, p. 64)

Consideramos relevante dizer, *a priori*, que nos inscrevemos no campo da Análise do Discurso de linha francesa (AD, doravante), notadamente nos trabalhos do filósofo Michel Foucault (1984, 1987, 1996, 1998, 1999, 2013) analisando as noções de sujeito, corpo e espaço discursivo. Conforme os pressupostos da AD, os sujeitos, ao

emergir a sua enunciação, transmitem relações de poder, assim os sujeitos não podem dizer qualquer coisa em qualquer lugar (FOUCAULT, 1996).

De uma forma construtiva, o espaço corpóreo de Virgínia se insere em uma construção imaginária e de cuidado fisiológico do sujeito em relação a si mesmo. Nesse sentido, pode-se dizer que há, através de uma relação institucional com outros corpos, a delimitação de um prazer (FOUCAULT, 1998), que ora pode ser sentido no próprio seio familiar ou no isolamento do próprio sujeito em destaque no seu espaço social-discursivo.

Diante do histórico social, o campo da Literatura constitui-se enquanto um campo de transgressão que se subverte nas relações de saber e de poder no Fio da História. Os sujeitos nessa transgressão buscam subverter a ordem, resistir ao poder que, numa perspectiva foucaultiana, é visto como condição necessária para o exercício de poder perante as práticas sociais.

Barthes (1978) relata que uma literatura em sua singularidade não pode ser percebida como sendo de importância maior ou menor, visto que é pela e por sua singularidade que cada escritura torna-se importante. Sendo que o sujeito Virgínia, participa de uma literatura que proporciona a liberdade, na qual ressalva os movimentos corporais femininos, como forma de viabilizar as fases de vida de uma menina que, enquanto criança, imagina que em outra vida jamais seria uma borboleta devido a que, em seus pensamentos era feia e ruim, ou seja, tratar-se de relações entre elementos que são físicos e os psicológicos, ambos esses que se imbricam como modos de pensar. O seu corpo enquadra-se em um sistema ao qual não combina mais em saber somente o que é sustentado e estimado diante de uma sociedade ou um sistema de pensamento, visto que para Foucault (1996) as atenções destes sistemas devem estar voltadas para a rejeição e exclusão social dos sujeitos.

Segundo Barthes (1978, p. 19) “a literatura mobiliza um saber que nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa, ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens”. Dessa forma, tornam-se possíveis as instâncias que manifestam certo rompimento com a norma ou com um padrão vigente, ao qual determina que o sujeito deve ocupar um espaço. Virgínia, bem como outros sujeitos da trama narrativa, subverte

essa possibilidade de ocupação de espaço da Ciranda de Pedra, essa que está localizada no jardim da mansão, e é composta por cinco anõezinhos sempre de mãos dadas. Diante da ciranda, o sujeito Virgínia vê-se excluída do lar, por motivo ao qual a ocupação da ciranda sempre estará destinada às outras cinco crianças.

Ao longo deste estudo, esboçaremos o fato de que a construção corporal do sujeito Virgínia se alicerça num imbricamento entre sujeito, corpo/movimentos, espaço e discurso. Entretanto, consideramos relevante, *a priori*, detalhar as movimentações corporais para o campo da AD para que possamos realizar análises das movimentações discursivas do corpo de Virgínia, essa que passa por três fases corporais em toda a obra.

MATERIAIS E METODOS

Sabe-se que a AD é uma zona interpretativa, porém é fundamental entender o Fio da História, para que as interpretações tornem-se válidas, uma vez que segue um determinado rigor científico. Para tanto, é preciso saber como as interpretações são feitas e como lidar com esse campo dinâmico. O rigor científico é considerado como as obrigações teóricas que dão sucessão à busca por estabelecer regularidades na interpretação. De nossa parte, buscamos também pensar uma regularidade para o sujeito Virgínia, a saber, que ela se constitui por meio das suas movimentações corporativas e através de espaço. Nesse viés teórico, convém traçar algumas noções que são chaves ao campo da Análise do discurso: sujeito, discurso, corpo discursivo, loucura.

A priori, consideramos relevante dizer que pensar o discurso é pensar no modo ao qual cada sujeito consegue lançar o olhar para determinadas práticas analíticas, dando contorno para certas construções ao logo do Real Histórico. À vista disso, precisamos pensar nas construções daquilo que consideramos discurso.

Na obra Ciranda de Pedra, Lygia Fagundes Telles (1984) ressalta o perfil de mulher, perfil esse que cita beleza e que é considerado como fonte de desejo entre a classe masculina. Ao mencionar a comparação de Virgínia a uma gazela, animal de pernas compridas e olhos graúdos, ou seja, consegue discursar acerca da beleza feminina e magra como forte tendência nos dias atuais (TELLES, 1984, p.64).

São relações que imbricam o corpo de Virgínia se ancorando em um dado saber, exercendo poder e ao mesmo tempo é perceptível a construção de uma verdade, a qual este sujeito ultrapassa, consegue mudar conceitos e envolver-se sentimentalmente com uma mulher.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sabe-se que a construção de um dado espaço se dá ao longo do tempo, ou seja, a própria construção é percebida durante o decorrer histórico, ao qual o sujeito consegue sobressair-se por meio de suas próprias práticas sociais e discursivas. Para Foucault (1984) o espaço discurso é demarcado não apenas por um conjunto de palavras enunciadas (os signos), uma vez que não são todas as enunciações do sujeito que são passíveis de interpretações, isso porque no discurso há um imbricamento entre a verdade, o saber e o poder. Essas três vertentes discursivas são construções históricas acerca do estabelecimento de uma dada ordem discursiva.

Quanto à vontade de saber do sujeito Virgínia, TELLES (1984, p. 13) menciona que, Virgínia: “Deixou-se vestir passivamente. Adiantara-se muito, adiantara-se demais. Agora ela sabe que eu sei.” Do ponto de vista discursivo da AD, é visto que o corpo é singular em cada espaço, uma vez que a situação gera comportamentos diferentes para os sujeitos que estão inseridos em cada momento da história. Por esse viés teórico, notamos que as várias interpretações são cabíveis a toda ideologia discursiva dos sujeitos, perante o posicionamento discursivo e imbricamento entre a verdade, o saber e o poder. Ressaltando que essas três vertentes “verdade”, “saber” e “poder” são criadas historicamente a partir do estabelecimento de uma dada ordem discursiva. Em seus dizeres Foucault (1996) menciona uma:

Inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante desta existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob esta atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imaginam; inquietação de suportar lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. Supõe que em toda sociedade, a produção no discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função

conjurar seus poderes e perigos, dominarem seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, pág. 08-09).

Por meio da construção sócio ideológica, cada sujeito discursivo sabe que a formulação de seus discursos precisa ser extremamente qualificada, para só depois ser emitida, e/ou onde devem ser ditos e qual é o perfil de comportamento cabível para um determinado espaço ou determinada ocupação social.

Com o sujeito Virgínia o processo de exclusão dá-se de início com o posicionamento do olhar do próprio sujeito para com as movimentações da ciranda de pedra, a qual sempre há cinco anõezinhos de pedra, sempre unidos e dessa forma, o sujeito-personagem Virgínia é excluída desse espaço.

Sabe-se que a exclusão social é vista como forma de rejeição, sendo cabível a cada sujeito a aceitação ou não de tais práticas. Em Ciranda de Pedra, como o próprio título reforça, é uma ciranda feita de pedra, e nesse desfecho os sujeitos participantes já a compõem, estando fechado o ciclo para a não aceitação de novos participantes, que no caso é o sujeito Virgínia, essa que vê todas as movimentações, mas sem poder participar, estando sempre de fora. Automaticamente, este sujeito sente-se inferior aos outros membros, uma vez que é rejeitada e inferiorizada.

Durante sua fase infantil, almejava entrar para a ciranda e ser participante daquela “roda” de brincadeiras, mas a mesma ciranda já estava composta e seus participantes não abrem espaço para novos membros, principalmente para Virgínia, que sempre via que tinha “um caramanchão cheio de plantas e, perto do caramanchão, uma fonte no meio de uma roda de cinco anõezinhos de pedra, você precisa ver que lindo os anõezinhos de mãos dadas!”(TELLES, 1984, p. 22).

Todavia, o sujeito Virgínia quando despertou para a fase adolescente começou a ver as modificações, estando transformada em outra pessoa, e sem sentir necessidade de fazer parte de uma roda, a qual já havia conhecido cada anão e descoberto toda a falsidade daquele núcleo de pedra.

Pode-se dizer que é a partir do espaço que os sujeitos se constituem. Em Ciranda de Pedra, Virgínia, desde a infância vê-se em muitos momentos inserida em constantes movimentações que são geradas em espaços de loucura. É através da relação



que o próprio sujeito-personagem estabelece com os outros que estão inseridos nestes determinados espaços, que Virgínia irá se constituir como sujeito que poderá inserir-se ou resistir àquele espaço discursivo na trama narrativa. BERT (2013) baseado em Foucault cita que esses espaços geralmente são “capazes de impor e de transformar permanentemente as normas de vida” e ainda:

Os mecanismos do poder voltam-se para o corpo, para a vida, para o que faz proliferar, para aquilo que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão a ser utilizada (FOUCAULT, 1996 *apud* BERT, 2013, p. 151).

Recortamos o momento no qual a personagem, em seus devaneios, imagina uma vida distinta da que tem como forma de idealização pessoal, conforme podemos perceber nos seguintes dizeres abaixo:

Virgínia decepou a cabeça de Otávia e colocou a sua no lugar. Acendeu-se o sol. Passeando pelo jardim, a flutuar como fada, veio vindo a mãe de mãos dadas com o pai. Tinha o rosto corado como... “como uma romã”, decidiu. Era vermelho demais, sim, mas se usava nos livros dizer que as pessoas saudáveis eram assim como as romãs, “corada como uma romã”! Conrado vestia a mesma roupa do moço do calendário e tinha aquela expressão de deslumbramento: “Virgínia, como seus cabelos são lindos! Quando eu crescer, vamos nos casar.” (TELLES, 1984, p. 26).

Então, mesmo que seja pelo poder do pensamento, Virgínia consegue se sobressair em relação à família, sobressaindo-se a um outro espaço discursivo, esse que a faz exercer o poder. Apesar de se sentir excluída do espaço das irmãs, permanece no mesmo espaço para mostrar resistência. Virgínia é ousada e a todo instante, tenta agradar a mãe, essa que mesmo na loucura consegue a realização.

A vista disso é verificável que Virgínia entrevê os delírios da mãe, como ponto de resistência, que para ela o essencial era o bem estar da mãe e o que se tem é um processo de vivência entre experiência social e a de criatividade para com a loucura, visto que, o saber da loucura não é apresentado na História do conhecimento, como uma verdade única e favorável em suas singularidades. Para Foucault (1997), a loucura passou a ser um risco para a sociedade, começando a se delinear, sendo referenciada por

enquanto como “desorganização da família, desordem social, perigo para o Estado” (FOUCAULT, 1997, p. 80).

Podemos fazer um paralelo entre a loucura, o sono e a razão para Virgínia, em uma passagem da obra o sujeito-personagem tenta negar a própria existência da “mãe louca” por meio do sono, momento esse que para Virgínia seria a inexistência da presença materna, afirmando em pensamento que, “A mãe dormiu. Era tão bom quando ela dormia! Os loucos deviam mesmo dormir o tempo todo, de dia e de noite, como as bonecas que só abrem os olhos quando tirada da caixa”. (TELLES, 1984, p. 16-17).

Assim concerne, que para Foucault (2013), a unidade do objeto ‘loucura’ não nos permite individualizar um conjunto de enunciados e estabelecer entre eles uma relação ao mesmo tempo descritível e constante. Visto que, para o ser da loucura a doença mental foi constituída pelo conjunto do que foi dito no grupo de todos os enunciados que a nomeavam, recortavam, descreviam, explicavam suas diversas correlações discursivas que por meio das palavras deveriam passar por seus.

Após a morte, Laura é comparada com um inseto, que no caso é um besouro. Em relação a besouro, o sujeito louco, enquanto tinha vida, dizia que “besouro que cai de costas não se levanta nunca mais”, como podemos verificar em várias passagens da obra em estudo, tais como, “Laura levantou a cabeça. Os olhos borrados sorriam envelhecidos, astutos. - Eu sabia que, se parasse, caía no chão, perto do besouro. E besouro que cai de costas não se levanta nunca mais. (TELLES, 1984, p. 35)”.

Em tempo hodierno, o sexo é visto e tido como fonte de consumo prazeroso entre os sujeitos atuantes de tais práticas. Sendo um assunto que implica um esquema de pensamento de invariantes, a sexualidade assume em suas manifestações algumas formas que são consideradas historicamente singulares. E em Ciranda de Pedra, Telles (1984) narra para a trama algumas manifestações sexuais para o sujeito Virgínia, essa que coloca a disposição o sexo (deixando-se levar pelas aparências que existem entre Letícia e Corando) como exercícios de poder para assim conseguir o poder. Mesmo que essa aceitação seja em relação à Letícia, irmã de Conrado. Dessa forma, retornamos ao momento em que,

Letícia veio por trás e enlaçou Virgínia. Beijou-a demoradamente. Parecia muito satisfeita nas suas elegantes calças de veludo preto. A blusa,

também preta, acentuava a aridez do rosto lavado. Calçava os extravagantes sapatos de camurça vermelha.

- Então, boneca? – soprou-lhe em voz baixa. – Você está bonita, mas magrinha, precisa comer! Deixe que eu faça seu prato. (TELLES, 1984, p. 162 – 163).

De acordo com FOUCAULT (1984), há um jogo de poder-saber que paira sobre os sujeitos e as suas possíveis modificações no Real da História, pelo fato de que, há sempre a busca pelo novo, por aquilo que é tendência, e os sujeitos têm de se adaptarem a essa rede ideológica, que para Foucault a situação se compara em relações institucionais, visto que,

Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos, como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. Talvez se pudesse dizer que certos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desencadeiam entre os piedosos descendentes do tempo e os habitantes encarniçados do espaço. (FOUCAULT, 1984, p. 41).

Em meados do século XX, Telles em sua obra *Ciranda de Pedra*, consegue dar vida ao sujeito Virgínia, e assim visando a feminilidade presente naquela época e que é bastante visível em Virgínia, possibilitando analisar um sujeito que possui uma singularidade única e um porte corporal distintos de qualquer outro em sua trama narrativa, e assim, fazer imbricamentos acerca das modificações do sujeito-Virgínia ao longo da História e por esse viés discursar sobre as mudanças feministas no cenário brasileiro. Ao fato de que, são construções individualizadas para cada sujeito, pela razão pela qual cada sujeito apresenta uma singularidade, possuindo uma identidade cabível para aquele determinado tipo de corpo, conforme for sua relação com o meio social do qual está inserido.

Telles (1984) na obra em análise relata a sexualidade, como forma de resistência e também poder, ficando nítido em:

Virgínia deteve o olhar mortiço na face árida da amiga. Os cabelos cinzentos eram de Conrado. Os cabelos e os olhos de cantos tristemente caídos. Baixou as pálpebras pesadas. “Faz de conta que é ele. É ele” – repetiu num atordoamento. Afrouxou os músculos e relaxou a posição tensa no momento em que sentiu a boca de Letícia roçar-lhe pelo pescoço e subir lenta até alcançar-lhe os lábios. Entregou-se passiva ao beijo demorado. Fechou os olhos “Conrado, Corando...” Sentia agora a boca ávida roçar pelo seu queixo

e morder-lhe de leve o lóbulo da orelha, puxando para baixo numa sucção úmida e quente. “A âncora”, lembrou-se. Respirou com esforço. A âncora a arrastava para o fundo de um mar verde e denso, ah! Nunca mais viria à tona. “Nunca mais!” – gemeu ao sentir o peso da cabeça prateada resvalar por entre seus seios. (TELLES, 1984, p. 153 – 154).

Foucault (1988) menciona que não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. (FOUCAULT, 1988, p. 98).

Borges (2013) relata que o corpo feminino é um acontecimento que produz sem cessar, efeitos na história, que através dos movimentos, a exposição corporal feminina torna-se uma arma, uma instância de resistência. Sendo assim, podemos afirmar que “pensar o presente, portanto é tentar compreender a viagem do nosso corpo pelo espaço num determinado tempo (MILANEZ, 2006, p.153). Como se fosse a própria Ciranda de Pedra, onde há vários sujeitos, cada um em seu espaço, mas todos em constantes modificações e que por alguma circunstância, mesmo em sua fase adulta, Virginia vê que a “ciranda” ainda permanece fechada a novos sujeitos, inclusive para si mesma, onde os representantes vivem em espaços sociais marcados pela obscuridade necessária a cada corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse artigo, expomos, de certo modo, alguns pressupostos teóricos que desejamos direcionar para analisar as movimentações corporais e discursivas do sujeito-personagem Virgínia, da obra Ciranda de Pedra, de Lygia Fagundes Telles (1984). Dessa forma, é verificável que perante o Fio condutor da História, os sujeitos buscam

extrair aquilo que já está presente em seus espaços discursivos, como forma de aprimorar as relações de poder-saber e as práticas que são desenvolvidas em seu social.

Pensamos *a priori* em Virgínia, como forma de analisar as suas modificações corporais e discursivas, que foram desenvolvidas ao longo de suas fases de vida, que são sucessivamente: corpo infantil, corpo adolescente e corpo adulto. Como forma de discursar as alterações e as construções do próprio sujeito em estudo.

Todos os nossos estudos basicamente baseou em Michel Foucault (1984, 1987, 1996, 1998, 1999, 2013), tendo como base os estudos discursivos que visam analisar vários vieses, que vão desde a sexualidade, a questão da loucura, o espaço e o próprio discurso em si. Dessa forma, é preciso pensar que para Foucault, “as relações discursivas não são internas ao discurso: não ligam entre si os conceitos ou as palavras: não estabelecem entre as frases ou as proposições uma arquitetura dedutiva ou retórica” (FOUCAULT, 2013, p. 56). Assim concerne é possível pensar em um sujeito que mesmo estando em um espaço discursivo dotado por ciclos de rejeições, esse sujeito consegue sobressair, consegue manter as relações discursivas.

Pensar em Virgínia é como pensar em uma criança que no primeiro olhar é totalmente carente, dependente e que anseia por mudanças. Fugindo às algumas conveniências da época, para assim alcançar o seu espaço social. Sendo preciso conviver com a loucura, e sendo atuante da mesma. Conforme as movimentações o sujeito consegue despertar as suas transformações que em seu segundo corpo já são visíveis. Dessa forma, começa a não ser mais a rejeitada e sim, vive em um espaço no qual o próprio sujeito Virgínia rejeita a todos aqueles que na infância não a deixou entrar para a tal sonhada “ciranda de pedra”.

Mostrando-se mais forte e sem elos, ou seja, ela começa vive por si, e não apenas pelas redes que a envolve, que vão desde a relação de poder-saber, de exclusão, da ocupação de um espaço do qual não a quer nele, e com relação ao seu “eu”. Sendo modificada conforme as suas práticas e as relações com os outros sujeitos da trama narrativa de Telles (1984).

REFERÊNCIAS

- BERT, Jean-François. Pensar com Michel Foucault. São Paulo, SP: Parábola, 2013.
- BORGES, Guilherme Figueira. Re(com)posições Discursivas de Um Corpo Várido”. IN: PAULA, L.; G.; De: PAULA, M.; H.; Confluências na Linguagem: Língua, discurso e ensino. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2013.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. “De Outros Espaços”. 1984. P. 411 – 422. Disponível em: http://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault_De_Outros_Espacos.pdf, pesquisa realizada em 28/03/2014.
- _____. Loucura, Literatura e Sociedade. In:____ Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Ditos & Escritos I. 1ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p. 210-234.
- _____. “História da Sexualidade I A Vontade de Saber”. Rio de Janeiro: Edições Graal,1988. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/123412/mod_resource/content/1/HISTORIA%20%20DA%20SEXUALIDADE.pdf, pesquisa realizada em 29/04/2014.
- _____. História da sexualidade 2. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- MILANEZ, Nilton. “A Posseção da Subjetividade Sujeito, corpo e imagem. Uberlândia – MG: EDUFU, 2009. P.: 281 – 299.
- ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso Princípios e Procedimentos. Capinas SP: Pontes Editores, 2013.
- TELLES, Lygia Fagundes. Ciranda de Pedra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.
- VEYNE, Paul. Foucault o Pensamento a Pessoa. Edições Texto e Gráfia, 2009.